

NELSON RODRIGUES E AS PÍLULAS DO SABER

Aluno: Manoela Ferrari
Orientador: Marília Rothier Cardoso

Introdução

É impossível quantificar o volume da produção de textos de Nelson Rodrigues. Como escritor, ele deixou um saldo de dezessete peças teatrais, um romance (*O casamento*) e oito folhetins. Mas, em 55 anos como jornalista, Nelson produziu perto de 10 mil crônicas (entre esportivas, confessionais, memorialistas e culturais), além de mais de dois mil contos.

Debochado, irônico, polêmico, Nelson nunca se preocupou em desfazer o personagem pornográfico, a figura do escritor maldito que pairava sobre ele. Pelo contrário. Rotulado pelos críticos como autor desagradável, o que percebemos a partir daí é a construção voluntária em torno de si próprio de uma *persona* igualmente desagradável. Leitor dos cânones da literatura (só como exemplo citamos aqui a leitura da obra completa de Dostoievski), o jornalista trabalhava seus textos com um cuidado estilístico ímpar, num português corretíssimo, cujo tratamento informal reforçava-lhe a imagem de “gênio intuitivo”. Com tal domínio da palavra, explorava criticamente situações-limite em vários campos da atividade e do interesse humanos: o erótico, o religioso, o social, o existencial. Desde os anos 50, sua revolucionária produção dramaturgica vem sendo objeto da crítica especializada. No entanto, pouco se tem considerado sistematicamente o restante de sua obra. Esta pesquisa investiga uma parcela das crônicas e das frases do escritor, analisando o seu processo de construção e avaliando a sua atitude questionadora diante do conhecimento. Pretendemos destacar a expressão desse saber intrínseco à obra de Nelson Rodrigues a partir de sua *fabricação* inicial, ou seja, do instante inicial da narrativa.

Objetivos

Selecionar crônicas esportivas, memorialistas e confessionais do autor, além de frases da coletânea *Flor de obsessão: as mil melhores frases de Nelson Rodrigues* (Ruy Castro). Localizar na bibliografia sobre Nelson Rodrigues os estudos a respeito da crônica e rever criticamente os pressupostos dos mesmos. Resgatar conclusões apresentadas pela análise interpretativa da dramaturgia de Nelson Rodrigues como ponto de partida para uma leitura sistemática das crônicas e fragmentos. Analisar o *corpus* de crônicas e frases, selecioná-lo e interpretá-lo em sua perspectiva ensaística, considerando-o como construção literária produtora de saber.

Metodologia:

Como ponto de partida, esta pesquisa aborda a definição do fragmento na tradição da filosofia ocidental, o “aforismo”. O fragmento corresponde à idéia – na acepção filosófica moderna do termo – de que o inacabado deve ser publicado, por inserir na escrita um “inacabamento essencial”, devido à sua capacidade de idealizar e realizar imediatamente um pensamento. Cada fragmento, portanto, deve valer por si mesmo em sua individualidade, carregando um significado que lhe é próprio e definido, não se constituindo como um trecho ou parte de um outro gênero literário. Encerra ele próprio o pensamento do instante que se quer exprimir.

A busca desse processo de construção literária do saber conta também com o apoio do ponto de vista de Roland Barthes. De acordo com o teórico francês, a fase inicial de toda a escrita consiste em “anotar” (mental/interiormente ou físico /externamente) o que é captado por nossos sentidos e elaborado pela imaginação. Essa anotação corresponde a um impulso que Roland Barthes classificou como “pulsão romanescas (o amor pelo material)”. A “enunciação de escritura” traduz, segundo Barthes, o arrebatamento do presente imediato, a nível do real (instante).

Quando este enunciado do pensamento instantâneo sobrevive às instâncias do tempo podemos dizer também que ele encerra um objeto de reflexão epistemológica ou crítica. Esta dimensão filosófica do registro poético do instante podemos constatar nas frases atribuídas a Nelson Rodrigues. Aparentemente banais elas encerram um significado acabado, sobrevivem ao cotidiano e transcendem às instâncias do indivíduo.

O registro formal da realidade pode ser desdobrado também em forma de comentário(crônica), examinado pelo ângulo subjetivo do autor que se inventa como personagem. A aparência de simplicidade não quer dizer desconhecimento das artimanhas artísticas. Nas crônicas de Nelson Rodrigues podemos verificar a exploração das potencialidades da língua e a construção frasal capazes de provocar significações variadas e impactantes. Com o seu toque de lirismo reflexivo, o cronista capta o instante breve dos acontecimentos cotidianos e lhe confere uma complexidade despercebida pelo público, levando-o a uma reflexão até então obscurecida. Manipulando todos os recursos estilísticos e truques de ficção, Nelson Rodrigues alcançava o despistamento temático, imitando a estrutura de conversas coloquiais. Com esse poder de nos projetar para além do que está impresso, Nelson Rodrigues reafirma a sua condição de artista.

Este trabalho se justifica porque pretendemos preencher uma lacuna a respeito da investigação mais reflexiva sobre a produção narrativa cotidiana de Nelson Rodrigues, analisando o seu processo de construção do saber a partir de crônicas e fragmentos tão relevantes em sua obra quanto a sua tão propagada dramaturgia.

Conclusões

A liberdade criadora inserida nas crônicas e nas frases de Nelson Rodrigues não se limitava à estética da criação literária. Ela se dirige à liberdade criadora do leitor e o incita a recompor a obra pela leitura (que é ela também, criação). Portanto, ao ligar a observação empírica do cotidiano à sua produção artística, Nelson não só produz literatura, como também cria um saber epistemológico.

Referências

- 1 - ARRIGUCCI Jr., Davi. **Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência**. São Paulo: Schwarcz, 1987 .
- 2 - BARTHES, Roland. **A preparação do romance**, vol I. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- 3 - CASTRO, Ruy. (Org.) **Flor de obsessão: as 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- 4 - RODRIGUES, Nelson. **O Óbvio Ululante**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 7ª. reimpressão.
- 5 - RODRIGUES, Nelson. **À Sombra das Chuteiras Imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- 6 - SCHLEGEL, Friedrich **O dialeto dos fragmentos**. São Paulo: Iluminuras, 1997.